

Uma Reflexão sobre Leitura e Novas Tecnologias no Ensino de L.E

Viviane Mendonça de Menezes Guimarães - SME/R.J, mestranda UERJ

Cristina de Souza Vergnano Junger - UERJ¹

RESUMO: Neste trabalho nos propomos a falar sobre a influência do suporte no processo leitor, os recursos hipertextuais e especificidades da leitura na Internet, e das diferenças entre as leituras no computador e em papel. *Questionamos: (1) como esse novo meio de comunicação (Internet) está entrando na atividade escolar como um recurso didático- pedagógico , (2) como a leitura se insere neste contexto específico da Internet, no planejamento e propostas de trabalho de E/LE e (3) se podemos discutir um novo paradigma de leitura a partir dos textos conseguidos através dessa fonte, incluindo aqui a forma como se organizam as propostas de atividades de leitura criadas pelos docentes.*

1. Introdução

Na sala de aula contemporânea se deve prover aos alunos de todo tipo de material que possa ser lido, uma vez que formamos parte de uma sociedade letrada que tem contato com a escrita em diferentes contextos, sob formas e com usos variados, ainda que existam indivíduos analfabetos. Os alunos, como todos os indivíduos de hoje, entram em contato com materiais impressos ou eletrônicos desde muito jovens, e fazem desses materiais parte de suas vidas.

Diante de tantas possibilidades de acesso e tanta informação disponível, é um desafio da escola tornar-se um espaço menos desinteressante [RIBEIRO,2003]. O problema mais urgente para conseguir a integração da nova tecnologia digital na escola é a atuação do professor. O profissional do ensino de hoje, que conhece as múltiplas possibilidades das tecnologias de comunicação, permite que a educação se aproxime da realidade e que o seu fazer pedagógico se adapte a uma sociedade em mudança.

Dessa maneira, dar oportunidade ao aluno de realizar a leitura de múltiplos gêneros textuais em diversos suportes é um meio de incluir os novos aprendizes em ampla variedade de canais de conhecimento e treiná-los para que possam empregar, com agilidade e versatilidade, diferentes formas de linguagem. Goulart (2005) corrobora essa idéia, ao afirmar que a escrita se mostra cada vez mais necessária para que a constituição e o uso de novos

¹ Mestrado sobre orientação da Prof.^a Dr.^a Cristina de Sousa Vergnano Junger

gêneros do discurso, implicados nas novas tecnologias da informação, se realizem de modo tão crítico quanto se espera que sejam as atividades de leitura e escrita mais sedimentadas em suportes textuais tradicionais como: livros, revistas, jornais, embalagens, entre outros.

Segundo Chartier [1999: 51]:

“Aqueles que são considerados não-leitores lêem, mas lêem coisa diferente daquilo que o cânone escolar define como uma leitura legítima. O problema não é tanto o de considerar não leituras estas leituras selvagens que se ligam a objetos escritos de fraca legitimidade cultural, mas é o de tentar apoiar-se sobre essas práticas incontroladas e disseminadas para conduzir esses leitores, pela escola, mas também sem dúvida por múltiplas outras vias, a encontrar outras leituras. É preciso utilizar aquilo que a norma escolar rejeita como um suporte para dar acesso à leitura na sua plenitude, isto é, ao encontro de textos densos e mais capazes de transformar a visão do mundo, as maneiras de sentir e de pensar”.

Portanto, o propósito da escolaridade em relação ao letramento se relaciona ao enriquecimento do processo leitor, incorporando práticas já correntes no cotidiano de seus alunos para, a partir daí, alargar suas fronteiras.

Freqüentemente, no ensino de língua estrangeira, o texto é levado à sala de aula para ser lido com o propósito de servir como suporte para o ensino de gramática ou vocabulário específico de determinado campo semântico [DENYER, 1998]. Com isso, o aluno não possui motivação para ler, pois sabe que o faz somente para extrair algum conteúdo que lhe será exigido em testes e provas. Não costuma haver uma preocupação do professor em estimular em seu aluno a vivência do texto enquanto leitura, ou seja, como um processo de construção de sentidos que exige interação entre leitor, texto e contexto [CASTELA & MENEZES, 2004]. Logo, outra vantagem percebida em ler textos de vários suportes e percorrer hipertextos eletrônicos ou impressos é a de estimular a crítica, a procura ativa e a reflexão dos alunos, que deixam de ser somente meros decodificadores.

Sabemos também que muitas vezes o professor de língua estrangeira, de acordo com a instituição na qual leciona, possui uma certa autonomia na produção de seu material didático. Nas escolas do Município do Rio de Janeiro, por exemplo, não se adotam livros para o ensino

de língua estrangeira. Essa realidade costuma levar a muitos professores a fazer recortes de diferentes livros, criando uma verdadeira *colcha de retalhos* em termos de atividades [CORACINI, 1999:24]. Entretanto, permite, também, o surgimento daqueles que aproveitam essa liberdade que lhes foi dada, para fazer seu próprio material.

Internet surge, então, nesse momento, como uma importante fonte para o professor conseguir textos da L.E com a qual trabalha, devido à sua facilidade de difusão nesse suporte. Esses textos podem ser os mais variados possíveis (cartas, artigos de jornais eletrônicos, tiras cômicas, etc) e têm o potencial de enriquecer sua aula, principalmente a nível cultural. Porém, apesar dessas vantagens, outra questão nos faz refletir sobre as implicações de seu uso: *a descontextualização* (JUNGER, 2002. GUIMARÃES, 2006). O professor deve estar ciente de que os textos inicialmente estão pensados para um tipo de público, mas como há a possibilidade de serem lidos em contextos espaciais e temporais diferentes dos de sua criação, a imagem do leitor pressuposta pelo autor pode ser distinta do leitor efetivo da obra. Conseqüentemente, o fato de o receptor não compartilhar a mesma situação de enunciação do locutor gera o que Maingueneau (1996) denomina de *descontextualização*. Em pesquisa anterior partimos deste conceito mais geral para adaptá-lo ao contexto do ensino de língua estrangeira, mais especificamente de língua espanhola com apoio em suporte digital. Com isso discutimos a necessidade que têm os docentes de refletir sobre o material retirado de Internet que levam a suas aulas, a fim de contribuir para que seus objetivos sejam realmente alcançados [CASTELA & MENEZES, 2004].

No âmbito de nosso estudo atual, voltamos a delimitar como objeto principal de nossa pesquisa, o professor de espanhol como língua estrangeira (E/LE) e aprofundar sobre sua relação com essa nova fonte de recursos didáticos para suas aulas. De acordo com Goulart [2004:53], “*novas condições de produção determinam novas formas de organização do discurso, novos gêneros, novos modos de ler e de escrever, e que, portanto, a leitura na tela*

do computador requer, de certa forma, um sistema de convenções diferentes daquele que regula o texto impresso”. Perguntamo-nos, então, se podemos discutir um novo paradigma de leitura a partir dos textos conseguidos através dessa nova fonte eletrônica e que desafios a tela de um computador traz para a leitura.

Cabe refletir, primeiramente, sobre a influência do suporte no processo leitor, os recursos hipertextuais e especificidades da leitura em Internet, e as diferenças entre as leituras no computador e no papel. Este é o foco da presente comunicação.

2. Influência do suporte na leitura

2.1 O hipertexto

Segundo vários autores (LEMOS, 1996. LÉVY, 1993/1996. MARCUSCHI, 2005. MARQUES, 1999. XAVIER, 2005), o hipertexto é um elemento potencializado pelo computador, uma vez que é uma estrutura possível em qualquer suporte, mas melhor realizada quando os textos estão digitalizados e disponíveis em redes de computadores. Trata-se não só de um artifício gráfico, mas de uma maneira diferente de leitura. É um modo de apresentação de informações, em um monitor de vídeo, em que são disponibilizadas conexões entre determinadas passagens de um texto, através de elementos destacados (palavra, expressão ou imagem) que, ao serem acionados, por um clique de *mouse*, provocam a exibição de um novo (hiper)texto com informações relativas ao referido elemento. Os *links* permitem que o hipertexto seja uma rede complexa e não seqüencial de associações de assuntos, na qual temas distintos são examinados em função do interesse ou necessidade do usuário, independentemente de sua ordem de apresentação [XAVIER, 2005].

Percebe-se a leitura *on line* como a construção da organização textual e, conseqüentemente, de seu sentido [XAVIER,2005]. A interação do leitor ao selecionar o que deseja ler, através dos *links*, e seu conhecimento de mundo, influenciam no sentido que o texto assume. Portanto, a organização textual que o navegante realiza cria significados

potencialmente singulares e, como enfatiza Levy (1993), toda leitura em computador, em realidade, é uma edição, uma montagem peculiar.

Segundo Castela (2003), o leitor desconhece o tamanho do documento que acessa no texto eletrônico, já que visualiza conexões e fragmentos. Modificam o tempo de leitura e a postura do leitor diante do suporte: a maneira de ler se baseia, principalmente, em passar os olhos pelos fragmentos de informações presentes na tela. Sua leitura é fragmentária devido à grande quantidade de informação e de *links*, e funcional, já que as conexões podem remeter a outros textos ou fragmentos para buscar as informações relacionadas.

Se por um lado há o risco do leitor-navegador se perder, distanciando-se de sua busca ou interesse inicial, por outro o texto digital permite maior interatividade, dando ao leitor a possibilidade de mudar a estruturado texto e selecionar o que se lê.

Alguns autores também distinguem hipertexto de hiperdocumento, considerando como especificidade deste, o fato de conter recursos de hipermídia em formatos diversos (diagramas, textos, imagens, sons, *softwares* etc.). Lévy (1993/96/2000) constata que o hipertexto engloba os nós de uma rede (gráficos, palavras e textos) que se conectam e ampliam as formas de se articularem as idéias. O hipertexto se refere a textos conectados uns aos outros, dando maior sentido a eles próprios. Portanto, das conexões emerge o sentido e têm como função reunir textos e redes de significações aos quais os indivíduos vinculam outras redes de significações.

2.2 A leitura no hipertexto

Lemos (1996) nos lembra que todo texto escrito é um hipertexto, uma vez que a leitura é feita de interconexões com a memória do leitor, às referências textuais e aos índices que remetem o leitor para fora da linearidade do texto. A recepção não hierárquica do texto não é, portanto, uma revolução radical implantada pelo texto eletrônico, já que as notas de rodapé, divisão em capítulos e os índices encontrados nos livros tradicionais também oferecem ao

leitor caminhos alternativos a serem trilhados e possibilitam a ruptura da linearidade da leitura. Mas a não-linearidade do hipertexto é inerente à sua estrutura e possibilita escolhas entre várias possibilidades, que podem modificar totalmente o tema inicialmente pesquisado. “*O texto vive uma pluralidade de existências. A eletrônica é apenas uma dentre elas*” [CHARTIER, 1999:152]. Sendo assim, podemos encontrar o mesmo texto em vários suportes, mas em cada um deles sua leitura/ recepção será distinta.

O que diferencia o conceito de hipertexto dos documentos impressos é que, segundo Xavier (2005:173), na rede, “*o hipertexto não impõe ao leitor uma ordem hierárquica de partes e seções a serem necessariamente seguidas. Há na tela um esboço com caminhos sugestivos, totalmente “violáveis”*”. Logo, os chamados documentos hipermídia ou multimídia possibilitam ao usuário uma interatividade maior que a do material impresso. Além disso, a leitura hipertextual de um texto *on line* tende a ser realizada individualmente de forma silenciosa e em espaços fechados, recuperando, a leitura em tela, esse comportamento há tempos esquecido pelo leitor [RIBEIRO,2005] . Segundo a autora, como o indivíduo necessita de um computador e uma linha telefônica, terá, restringidos, os lugares onde essa leitura ocorre. Essa forma estrutural também dificulta a apreensão da visão global do conjunto do texto, devido à fragmentação causada pela composição do hipertexto, já que parte do texto está oculta em *links*, que, ao serem acionados, abrem novas janelas para apresentar um novo texto ou parte dele. Somente se o leitor-navegador clicar em todos os *links* relacionados a determinado tema, alcançará uma visão mais ampla do texto como um todo.

Lévy (1993) ao considerar que o hipertexto pode ser considerado um espaço de possíveis percursos de leitura e o texto pode ser visto como uma leitura desse hipertexto ratifica a concepção de que a leitura de um mesmo hipertexto realizada por diferentes pessoas é sempre distinta, já que cada uma delas pode seguir caminhos (de leitura) diferentes, que influenciarão diretamente na construção do significado. Xavier (2005) salienta que o leitor, ao

propor caminhos diversos em sua leitura, poderá fragmentar o hipertexto de tal maneira que se sentirá desorientado ou disperso, e essa dispersão poderá fazer com que ele abandone a sua leitura. As especificidades, portanto, da leitura de um hipertexto em ambiente digital, segundo Xavier (2005), requerem dos internautas uma necessidade de reajustarem as suas estratégias de leitura, para assim, começarem a tirar proveitos dessa nova formatação textual, esse novo modo de organização e acesso à informação. Sem dúvida é uma leitura envolvente, muito mais do que qualquer outra feita através de um texto tradicional e impresso. Trata-se de uma atividade de leitura multisensorial, na qual o ato de ler se viabiliza com muito mais totalidade e amplitude, haja vista que os aparatos midiáticos (imagem, som, links, etc), se bem organizados e estruturados, beneficiarão o usuário, já que eles cooperam para fazer fluir a compreensão por parte do leitor. Xavier [2005:176] ainda corrobora essa afirmação, quando diz que:

“Conseqüentemente, quanto mais explícitas as idéias e mais claros os argumentos do autor pelos aparatos sígnicos, maior será o estímulo à participação e ao engajamento do leitor no processo de apreensão da significação. Ele achar-se-á muito mais instigado, verdadeiramente compelido a descobrir a proposta de sentido lançada pelo autor no hipertexto, já que poderá contar com outros meios simbólicos que não apenas o lingüístico para consignar seu intento de leitura.”

A partir dessas considerações é que refletimos sobre o papel do professor que usa a Internet como recurso para as aulas. Será que ele o faz apenas como uma motivação para as mesmas e se encontra ainda preso às estruturas tradicionais de atividades de leitura de textos impressos, ou tenta criar outras estratégias de leitura junto a seus alunos, mais ajustadas ao novo meio? Além disso, há a utilização, por parte desse professor, dos recursos hipertextuais oferecidos pela leitura na Internet? Ou ele lida com o texto *on line* da mesma forma que com o texto impresso? Se as respostas convergirem para um professor ainda alheio às especificidades desse novo suporte com relação à leitura, uma vez que ler na tela do computador é diferente de ler no papel, nossos alunos ainda estarão recebendo um modelo de leitura que não dá conta do processamento cognitivo quando essa é feita nesse tipo de

hipertexto digital. Como os PCNs (Brasil, 1998) apontam a leitura como a competência lingüística mínima a ser desenvolvida no ensino de língua estrangeira durante o Ensino Fundamental, considerando sua inserção nas práticas sociais de linguagem, esta não pode limitar-se à função de passar conteúdos. Há que encontrar um papel mais dinâmico para o texto e, principalmente, se este é utilizado em um suporte tão rico como a Internet. Não explorar seus recursos seria o mesmo que ignorar, ou mesmo negar, uma nova maneira de conhecer e aprender para as novas gerações.

3. Conclusão

Em resumo, a Internet hoje forma parte de nosso mundo, incluindo o espaço escolar. A educação não pode ignorar essa realidade. Este recurso põe à disposição possibilidades para aprendizagens inovadoras, permitindo enfatizar que o espaço da sala de aula, não é a única fonte de informação para o aluno, nem pode suprir todas as suas necessidades. As diversas ferramentas existentes na Internet podem oferecer, portanto, inúmeras formas de apoio à aprendizagem, fato que não deve ser ignorado pelos docentes, embora requeira, de sua parte, também, um posicionamento crítico sobre seu uso mais adequado a cada situação.

A nós, professores de língua estrangeira (L.E), essa aplicação permite refletirmos sobre o conceito de hipertexto e as especificidades de sua estrutura no suporte digital, e, conseqüentemente, sobre a sua a leitura em ambiente virtual, assim como as atividades em relação ao processo leitor que se propõem a alunos nesse ambiente. Vimos que a Internet serve como um instrumento para enriquecer as aulas de L.E com fontes autênticas de material. Mas, por ineficiência de propostas didáticas que não exploram uma leitura multisensorial, ou os recursos hipertextuais do texto digital, o suporte pode acabar não promovendo vantagens significativas no processo de ensino-aprendizagem. As atividades acabam seguindo um paradigma antigo de leitura, ignorando os indivíduos que já nascem imersos nesse novo meio de entretenimento.

Ressaltamos, entretanto, que, apesar de reconhecer as vantagens da Internet e a necessidade de incrementar um processo leitor sistemático de seus textos na escola, também entendemos que estamos diante de um processo em construção. No Brasil, a Internet e os computadores estão incorporados à vida da sociedade de maneira heterogênea. Seu espaço se amplia, mas não está ainda plenamente socializado. Os desafios constituem, portanto, não só mudar a perspectiva e a prática do professor, mas sim trabalhar com diferentes percepções e níveis de contato, por parte dos alunos, com relação a essa realidade digital.

4. Bibliografia

- BRASIL. *Parâmetros Curriculares para o ensino médio*. 3ª ed. Brasília: Secretaria da Educação Fundamental, 1998.
- CASTELA, Greice da Silva. *Do texto ao hipertexto: leitura e novas tecnologias no ensino de ELE*. Anais do VII Congresso nacional de lingüística e filologia, 2003.
- CASTELA, Greice da Silva ; MENEZES, Viviane Mendonça de. *Leitura on-line e off-line de estudantes de E/LE: a construção dos ethos e a descontextualização*. Monografia do curso de Especialização em Espanhol como Língua Instrumental. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador; conversações com Jean Lebrun*. São Paulo : UNESP/IMESP, 1999.
- CORACINI, Maria José. *Interpretação, autoria e Legitimação do Livro Didático*. Ed. Pontes, 1999.
- DENYER, Monique. *La lectura: una destreza pragmática y cognitivamente activa*. España: Universidad Antonio de Nebrija, 1998.
- GOULART, Cecilia. *Letramento e novas tecnologias: questões para a prática pedagógica*. In: COSCARELLI, Carla Viana(org). *Letramento digital*. Belo Horizonte, M.G : Autêntica, 2004.
- GUIMARÃES, Mônica de Castro. “Transposição Didática e a Noção de Autenticidade: a questão da leitura de hipertextos como material didático de espanhol como língua estrangeira”, Dissertação do Programa de Pós-graduação em Letras – Área de Concentração Lingüística. Rio de Janeiro: UERJ, Instituto de Letras, 2006. 158 páginas mimeo.
- JUNGER, Cristina de Sousa Vergnano, 2002, “Leitura e ensino de Espanhol como língua estrangeira: Um enfoque discursivo”, Tese de doutorado em Língua Espanhola e Literaturas Hispânicas. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- LE MOS, A. *As Estruturas Antropológicas do Ciberespaço*. In: *Textos*, nº 35, Facom/UFBA, julho de 1996.

- LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência. O Futuro do Pensamento na Era da Informática*. São Paulo: Editora 34, 1993.
- _____. *O que é o Virtual*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- _____. *O que é cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2.ed., 2000.
- MAINGUENEAU, Dominique. A leitura como enunciação. In: *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p.30-59.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. 2ed. Rio de Janeiro. Lucerna, 2005. p.13-67.
- MARQUES, Mario Osorio. *A escola no computador: linguagens rearticuladas, educação outra*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999 (Coleção fronteiras da educação).
- RIBEIRO, Ana Elisa . Textos e hipertextos na sala de aula. In: COSCARELLI, Carla Viana(org). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. 2.ed . Belo Horizonte, M.G : Autêntica, 2003.
- _____. Ler na tela – letramento e novos suportes de leitura e escrita. In: COSCARELLI, Carla Viana(org). *Letramento di-+gital*. Belo Horizonte, M.G : Autêntica, 2005.
- XAVIER, Antonio Carlos Xavier. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. 2 ed. Rio de Janeiro. Lucerna, 2005. p.170-180.